

## MÚSICA

## MUSIC BOX

## Clima de Carnaval

Agora que começou efetivamente o verão, o samba vai bombar, principalmente porque o Carnaval é só no final de fevereiro. Para quem, além de prestigiar o samba capixaba, também curte o Carnaval do Rio, já saiu o disco com os sambas-enredos das escolas do grupo especial carioca.

A Beija-Flor, campeã do ano passado, desta vez fala das águas. Já a Mangueira canta a formação do povo brasileiro. Não se fazem mais sambas-enredos como antigamente, mas vale uma conferida. **(Sambas de Enredo 2009. Universal. Preço médio: R\$ 20,00)**



## Para relaxar

Ícone da new age music, a cantora Enya está de disco novo na praça. A cantora irlandesa, que há 20 anos embala as sessões de relaxamento de muita gente mundo afora, está lançando o álbum "And Winter Came...". Como a capa sugere, a idéia é evocar o inverno e a mudança de cenários que a estação traz.

É o sétimo disco solo da cantora, e mais uma vez ela produziu tudo dentro de seu próprio estúdio. Provavelmente com muito insenso para entrar no clima. É relax total. **(And Winter Came. Enya. Warner. Preço médio: R\$ 35,00)**



## EU OUVI



"Eu estou ouvindo um disco do Keith Jarrett, chamado 'Koln Concert'. Tenho curtido muito esse trabalho, porque é considerado um dos melhores que ele já fez. Na minha opinião, o Keith é o maior pianista do mundo. Quando gravou esse disco, ele tinha 24 anos. Eu o indico, porque é inspiração pura. Ele improvisou. Ele ia fazer o concerto na nessa cidade alemã e deram um piano que ele não estava curtindo. Então, nem sabia se ia se apresentar. Mas aí entrou em cena e resolveu deixar a porta aberta para a inspiração."

Turi Collura, pianista

## Volta cheia de ritmo

## Depois de 16 anos sem lançar disco de inéditas, Hyldon, autor de "Na Rua, Na Chuva, Na Fazenda", reaparece com "Soul Brasileiro"

GIOVANNA SANTOS

Quem nunca foi a um barzinho de música ao vivo que tivesse no repertório "Na Rua, Na Chuva, Na Fazenda" que atire a pri-

meira pedra. A canção, sucesso dos anos 70, é de autoria de Hyldon, que andou meio sumido mas agora volta com um disco de inéditas.

Foram 16 anos sem lançar trabalho inédito. Nesse tempo, foi

morar na região serrana do Rio de Janeiro e fez alguns projetos, mas nada com a projeção que tinha quando formava com Tim Maia e Cassiano a trilogia da black music brasileira.

No novo trabalho, em que mostra o tradicional suingue soul acrescido de ritmos novos no seu cardápio, como pop, forró e até choro, Hyldon tem convidados muito especiais.

Chico Buarque toca um instrumento chamado kalimba em

"Medo da Solidão". Zeca Baleiro acrescenta seu violão a "A Moça e o Vagabundo". Frejat toca guitarra em "Rapaz de São Paulo" e ainda Carlos Dafé, Dalto, Jorge Vercillo, Tunai e Carlinhos Vergueiro participam de "O Vento que Vem do Mar".

Em entrevista ao AT2, o simpático Hyldon, 57 anos, falou sobre seu novo momento e também sobre a famosa amizade com Tim Maia, a quem considerava como um "irmão mais velho maluco".



HYLDON Cantor e Compositor

## "Eu virei quase cult"

AT2 – Por onde você andou?

Hyldon – O último disco que eu fiz foi em 2003. Antes disso, eu morei seis anos em Teresópolis (região serrana do Rio), fiz um disco que foi muito legal, que foi um disco para bebês... E fiz alguns projetos especiais, como o disco "Velhos Camaradas 2".

– Como foi a "gestação" desse disco? Você colocou choro, forró, samba-soul...

– Esse disco foi o único que eu não pensei na minha vida (risos). Antigamente, quando a gente entrava em estúdio, não tinha os recursos que tem hoje... Então você ficava preparando disco um tempão, "Na Rua, Na Chuva, Na Fazenda" eu fiquei quatro anos preparando...

– Mas isso também é um pouco de perfeccionismo, não?

– Não porque se você for ver, "Na Rua, Na Chuva, Na Fazenda", por exemplo, foi um disco com cordas, com trompa... E uma das coisas que eu gosto de fazer são os arranjos – que hoje em dia eles chamam de groove – para grupo pequeno. Como eu vim de grupo de baile, então sempre faço a levada da bateria, a linha de baixo... Então, como eu não escrevo música (a partitura), o processo era muito longo porque eu tinha que memorizar cordas, metais, contrabaixo. E esse disco foi diferente, porque estou trabalhando há uns cinco anos com uma banda grande, com 12 pessoas...

– Então nesse tempo que você ficou sumido você não parou de fazer shows?

– Depois que eu voltei de Teresópolis eu reuni uns músicos legais e

voltei a fazer shows, até porque virei quase cult, e abriu um mercado legal para fazer shows. E isso foi bom porque voltei a ter prazer de tocar com os músicos. Porque eu tinha preconceito de ficar tocando música antiga. É legal para o público, mas para o músico é um saco. Então descobri que o único jeito é me divertir fazendo show.

– Você reuniu um time e tanto no disco...

– Em "Medo da Solidão", eu quis botar uma caixinha de música pra lembrar um lado infantil. Lembrei que o Chico (Buarque) tinha uma kalimba. E eu joga futebol com o Chico já há muitos anos. Ia pedir a kalimba

emprestada, mas fiquei sem jeito e o convidei pra tocar. E ele topou na hora. Aí o Frejat foi no estúdio ouvir a kalimba do Chico e disse que queria entrar também. O Zeca Baleiro, eu tinha feito show com ele e a gente se prometeu uma parceria.

Carlinhos Brown, sempre gostei do trabalho dele. Aí Brown falou que eu era ídolo dele e mandei uma música para ele colocar uma congazinha. E ele virou a música de cabeça pra baixo. E ainda chamei os

amigos Dalto, Carlos Dafé e Jorge Vercillo para participar.

– Você está no formol?

– Por quê?

– Você está novíssimo...

– (Risos) É porque eu sou preto, e preto sempre engana... Estou com 57 anos. Além da pigmentação, acho que é estado de espírito. Faço o que eu gosto de fazer. Tenho uma família que me dá sustentação, sou um cara muito caseiro e jogo meu futebol. Me cuido, faço meus alongamentos, tenho uma alimentação razoável, parei de fumar, parei de beber há 16 anos. E sou produtivo. Estou cheio de projetos.

– Leu o livro do Nelson Motta sobre o Tim Maia, em que você é muito citado?

– Eu não li... O Tim foi tipo um irmão mais velho comigo. Então eu convivi muito com ele...

Toquei com ele, compus músicas com ele. Toquei guitarra em quase todos os discos dele até 1980, então ele me ensinou muita coisa... A gente era amigo mesmo. Tipo aquele irmão maluco. Ele sempre foi muito protetor comigo.

Acontece que quando eu casei, ele não se tocou que eu tinha me casado, que eu tinha mudado. E toda vez que eu ia na casa dele ele me trancava e não me deixava sair, porque ele tinha um problema de solidão... Ele falava: "Cara, pede o que você quiser, que eu mando buscar, você não vai me abandonar"... Na terceira vez que isso aconteceu, a mulher pagou a maior geral e me mandou escolher. Falou: "O Tim Maia ou eu". Aí, cara, fiquei com ela. Estou até hoje, temos 25 anos de casados.

